

O CONCEITO DE PALAVRA SOB O OLHAR DE MIKHAIL BAKHTIN

Valquiria Botega de Lima

Considerações Iniciais

Nosso propósito neste trabalho consiste em traçar algumas reflexões teóricas e, em certa medida, metodológicas a respeito do conceito de palavra na concepção trabalhada por Bakhtin e seu *Círculo*. Buscamos fundamentação teórica nas obras *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1999) e no capítulo *Os Gêneros do Discurso* presente na obra *Estética da Criação Verbal* (2003). Apoiamos, também, nas contribuições dos trabalhos de estudiosos que discutem a respeito do pensamento bakhtiniano, quais sejam: Dias (2005); Clark e Holquist (2004); Cereja (2005) e Stella (2005).

Construímos um percurso, de caráter metodológico, para apresentar, de forma parcial, a especificidade que o conceito de palavra adquiriu no conjunto dos trabalhos de Bakhtin acima expostos, para em seguida apresentarmos uma análise na qual trabalharemos o conceito em discussão. Queremos sublinhar, ainda que de forma ampla, que esse conceito ultrapassa a definição meramente lingüística, ou seja, como elemento lexical presente no sistema da língua, pelo fato primordial do filósofo da linguagem situar tal termo no universo social formado por sujeitos falantes em contínua interação. Stella (2005) destaca um fato importante que consiste em tomar o conceito de palavra em correspondência com o discurso, porque esse termo apresenta duplo significado na língua Russa. Desse modo, em Bakhtin, o termo palavra equivale não somente a vocábulo, mas igualmente ao de discurso.

Dessa forma, partimos de um conceito inicial: o de forma lingüística no qual abordamos a respeito da diferença estabelecida entre signo e sinal, em seguida falamos sobre os processos de descodificação e de identificação para entender a relação da palavra com a ideologia e a produção de sentidos,

destacamos algumas considerações a respeito do conceito de enunciado e, posteriormente, apresentamos as propriedades e os aspectos da palavra.

Para a realização da análise, utilizamos uma propaganda veiculada na revista *Capricho*, revista esta destinada às adolescentes.

Quadro Teórico: a configuração do conceito “palavra”

Iniciamos o nosso desenvolvimento teórico procurando responder a seguinte interrogação: Para que o locutor serve-se da língua? E Bakhtin/Volochinov (1999) afirmam que para o sujeito falante o que importa é a língua em uso real, em uso prático, em outros termos, a língua concreta, em pleno funcionamento. O locutor não se interessa pela língua enquanto sistema de formas lingüísticas, enquanto abstração (neutra e impessoal).

O posicionamento adotado por Bakhtin é originário do interesse que ele tem pela linguagem. Ele a considera a partir do pressuposto teórico da interação, o que fica destacado a incorporação do outro no processo comunicativo, na enunciação – entendida como produto da interação verbal – e assim, a linguagem é denominada dialógica por causa de sua concepção sociointeracional. Esse posicionamento defendido procura aprimorar os postulados estruturalistas da linguagem preconizados por Ferdinand de Saussure.

Para tanto, torna-se relevante discorrer, num âmbito geral, o que é “forma lingüística” e em seguida apresentar a configuração que o teórico dá a esse termo. Cabe deixar claro que essa expressão faz parte do campo teórico da lingüística estruturalista e que Bakhtin não estava situado nesse terreno. Assim “Quando os lingüistas dizem que a língua é forma e não substância querem dizer que ela é (ou tem) uma estrutura, não é um amontoado de elementos perceptíveis” (BORBA, 1984, p.32).

Isso implica expor que a língua tem a característica de ser estável e manter-se sempre homogênea, constante e por isso é classificada como abstrata. Então a “forma lingüística” passa a ser entendida como o princípio responsável por organizar a composição da língua, em outras palavras, organizar o plano da expressão com o plano do conteúdo. Ao situar-se em um campo não estruturalista, Bakhtin/Volochinov (1999) acrescentam ao conceito de “forma lingüística” duas características essenciais. Desse modo, os

estudiosos argumentam que para o locutor o que é mais importante é utilizar a forma lingüística em um contexto e situação determinados socialmente, ela passa a adquirir valor de signo, pois tem a capacidade de ser variável. Quando a forma não é relacionada a um contexto e aparece isolada, eles classificam-na como sendo sinal, isto é, algo que é estável e homogêneo.

Acreditamos ser relevante, a essa altura, expor o que Bakhtin/Volochinov (1999) entendem por signo e por sinal. Eles postulam que o signo é “[...] sempre variável e flexível”. Já “o sinal é uma entidade de conteúdo imutável [...] não pertence ao domínio da ideologia” (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, 1999, p. 93). Os teóricos deixam claro que só o signo é ideológico, pois passou pelo processo de descodificação, portanto todas as nossas palavras estão ideologicamente marcadas. Para Clark e Holquist

O conceito bakhtiniano de signo é semelhante ao de Saussure, no sentido de que um signo é sempre uma unidade inseparável composta de duas partes: uma marca, que é apenas um indicador, o significante, e um conceito, que é assim indicado, o significado. Bakhtin, entretanto, concentra-se no aspecto mundanal, sensório, do signo (2004, p.245).

Os sujeitos falantes (interlocutor/receptor), pertencentes a um mesmo grupo lingüístico, ao se depararem com a forma lingüística procuram contextualizá-la, mais especificamente, compreendê-la. Esse processo interpretativo é conhecido por descodificação. Por meio dele é possível diferenciar sinal de signo, ou seja, a forma torna-se signo ao ser orientada para um contexto, instaurando o processo de compreensão. Quando isso não acontece ela apenas é tida como um sinal, pois somente é identificada/reconhecida.

Em razão disso, o ato de descodificação é um processo idiossincrático porque depende da maneira que cada sujeito tem para desenvolver suas habilidades interpretativas. Para compreender a forma faz-se necessário relacioná-la a um contexto preciso. Em linhas gerais, o processo de descodificação não pode ser confundido com o processo de identificação, o qual consiste em somente identificar a forma utilizada e não há produção de sentidos. Logo, a descodificação da forma lingüística não é somente identificá-la como

sinal, mas, sobretudo, compreendê-la/ compreender o seu sentido em dadas situações. Em relação a isso os pesquisadores Clark e Holquist (2004, p.234) afirmam

o único meio pelo qual as palavras podem significar é serem entendidas [...] O que é importante para ele [Bakhtin] não é que uma palavra seja um sinal estável e sempre auto-equivalente, mas um signo adaptável e sempre mutável, (2004, p.234).

Bakhtin/Volochinov procuram enfatizar que “[...] o elemento que torna a forma lingüística um signo não é a sua identidade como sinal, mas sua mobilidade específica” (1999, p. 102). Quer dizer que mobilidade específica da forma lingüística, para os autores, consiste na orientação que é dada a palavra por um contexto e uma situação definida.

Dias (2005) afirma que o conceito de mobilidade específica é fundamental para se entender o problema da significação na linguagem. O pesquisador também aponta para o fato de que a forma adquire a dimensão de signo porque pode situar-se no meio social, dessa maneira expõe que

O signo lingüístico, no entender de Bakhtin, adquire a sua identidade na relação dialética entre a estabilidade da sua significação, que lhe permite ser reconhecido como o mesmo signo em diferentes situações de enunciação, e a mobilidade que ele adquire relativamente à especificidade dessas situações enunciativas (2005, p.106).

Ao mencionarmos, ainda que brevemente, a questão da produção de sentidos faz-se necessário levar em consideração duas categorias pautadas nos estudos bakhtinianos, quais sejam: *tema* e *significação*. A primeira está relacionada à enunciação concreta e ao signo ideológico, enquanto que a segunda está relacionada à abstração, a virtualidade, ao signo lingüístico. Cabe destacar que esses termos estão inter-relacionados, Bakhtin/Volochinov (1999, p. 131) dizem que

[...] o tema constitui o estágio superior real da capacidade de significar. De fato, apenas o tema significa de maneira determinada. A significação é o estágio inferior da

capacidade de significar. A significação não quer dizer nada em si mesma, ela é apenas um potencial, uma possibilidade de significar no interior de um tema concreto.

A capacidade de ser flexível e de obter diversos significados são próprias do signo porque ele é pensado sempre em relação com o meio social. Logo, equivale pensar na palavra e em seu estreito contato e convívio com o social. No dizer de Clark e Holquist (2004), as palavras quando vistas de forma isolada equivalem a linguagem que os lingüistas estudam. Quando vistas como sociais elas são compreendidas de forma ampla. E é nessa perspectiva que Bakhtin se situa para estudar a linguagem.

O referido teórico considera a ideologia um elemento íntimo da palavra. O que corresponde dizer que ela “[...] está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico vivencial” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV 1999, p. 95). Dito isso, podemos caracterizar não só a palavra, mas também o discurso como um elemento carregado de conteúdo ideológico, pois convive num espaço/universo real. Ele tem existência a partir das enunciações concretas dos sujeitos.

A palavra está sempre em interação com a realidade viva. Trata-se de afirmar que é por meio dela que a comunicação se estabelece. Bakhtin/Volochinov (1999, p. 113) classificam-na como “O produto da interação do locutor e do ouvinte”, isso leva a crer na função que ocupa nas relações interpessoais, pois é matéria comum entre o locutor e interlocutor. Como foi ressaltado pelos teóricos “A palavra é ponte lançada entre mim e os outros” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1999, p. 113).

De acordo com essa afirmação é que podemos compreender melhor porque o autor insiste em tratar a palavra em uma perspectiva social. Agindo assim, torna-se um problema caracterizá-la como vazia e isolada pelo fato de estar sempre orientada, ou melhor, direcionada a um interlocutor, que não pode ser abstrato, mas real e, portanto, socialmente organizado. A palavra, na concepção dialógica defendida pelo filósofo da linguagem, é sempre histórica, pois incorpora as vozes dos sujeitos que a utilizaram em dada situação e estão utilizando para comunicarem-se. Como observa Cereja

[...] levando em conta a natureza dialógica da palavra, é possível dizer que, do ponto de vista bakhtiniano, palavra é indissociável do discurso; palavra é discurso. Mas palavra também é história, é ideologia, é luta social, já que ela é a síntese das práticas discursivas historicamente construídas (2005, p.204).

Na obra *Estética da Criação Verbal*, mais especificamente no capítulo “Gêneros do Discurso”, Bakhtin (2003) discorre a respeito do enunciado e caracteriza-o como “unidade real da comunicação discursiva”. Dito isso, tem-se o enunciado como um elemento vivo e real que compõe os discursos. Bakhtin (2003) deixa especificado que a nossa fala é composta por enunciados e não por orações, palavras isoladas ou elementos a mercê da neutralidade, da normatividade e virtualidade da língua/gramática.

Nessa obra, o teórico russo confere ao enunciado o valor de elemento ideológico e comunicativo. Isso fica claro quando explica que o enunciado se difere das formas neutras da língua, a saber, palavra e oração, porque convive com a alternância dos sujeitos do discurso, e tais sujeitos ocupam determinados lugares no contexto real da fala, no cotidiano social. O enunciado tem uma extensão maior que a palavra (esta pensada como elemento lingüístico) porque abarca elementos da situação extraverbal em paralelo com os da ordem lingüística e enunciativa.

Acreditamos ser pertinente retomar uma discussão a respeito do enunciado para dizer que assim como a forma lingüística – elemento do sistema da língua - para significar precisa, entre outras maneiras, ser compreendida, ou seja, decodificada. Salientamos que, segundo Bakhtin (2003), o enunciado – elemento da comunicação discursiva – que tem seu acabamento e limite colocado entre a alternância dos sujeitos falantes, precisa, gerar, para ser compreendido uma atitude responsiva ativa.

Essa atitude emerge a partir da percepção e compreensão dos significados do enunciado (discurso) presentes na interação viva e por isso não basta estar relacionado a virtualidades no nível da língua, como postula Bakhtin (2003, p.271) “Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva [...] toda compreensão é preche de respostas, [...] o ouvinte se torna falante”.

Uma das grandes contribuições do pensamento bakhtiniano é a caracterização da linguagem, sobretudo, da palavra como um elemento carregado de historicidade, o que implica considerar, para o seu estudo, não somente o aspecto interior e sistemático, mas a exterioridade que a acompanha quando colocada em interação no diálogo vivo.

Desse modo, a palavra tem a capacidade de funcionar em diversos contextos e situações socialmente determinadas. Essa capacidade é possível porque ela está acompanhada por quatro propriedades que a define. Stella (2005, p. 179), embasado nos princípios teóricos bakhtinianos, discorre a respeito de cada uma delas. A primeira diz respeito à “*pureza semiótica*” e consiste na “[...] capacidade de funcionamento e circulação da palavra como signo ideológico, em toda e qualquer esfera”. Acrescentamos que essa propriedade equivale tomar a palavra em seu sentido dicionarizado pelo fato de sua significação estar marcada por estabilidades levando ao seu emprego em múltiplas situações.

A segunda propriedade refere-se à “*interiorização*”, quer dizer que “[...] a palavra constitui o único meio de contato entre o conteúdo interior do sujeito (a consciência) constituído por palavras, e o mundo exterior construído por palavras.” Como conseqüência ela é a grande mediadora entre o sujeito e o mundo (realidade).

O processo de interiorização de uma palavra realiza-se no embate/confronto entre as palavras da consciência (o interno) e as palavras exteriores, ou seja, aquelas que circulam no meio extraverbal. Um novo signo ganha existência a partir desse confronto entre o signo que circula internamente na consciência do sujeito falante e que, portanto, vem carregado com determinados sentidos e o signo externo, por sinal, carregado de outras significações ideológicas.

Essa característica remete a terceira propriedade em que se tem a “*participação em todo ato consciente*”, que corresponde a capacidade de funcionamento da palavra “[...] tanto nos processos internos da consciência, por meio da compreensão e a interpretação do mundo pelo sujeito, quanto nos processos externos de circulação da palavra em todas as esferas ideológicas”.

Em relação à quarta propriedade temos a “*neutralidade*” da palavra. Pensar nesse termo é realizar um movimento que sai de uma concepção de

palavra como algo abstrato e de uso gramatical e caminhe em direção a algo que tem uso real, portanto, pode pertencer a determinados contextos e ganhar caráter de signo neutro porque, dependendo da situação de comunicação discursiva em que estiver inserida, ela adquire uma função ideológica. De acordo com essa visão, os teóricos Clark e Holquist (2004, p. 246) dizem que a palavra tem a “[...] capacidade de veicular uma miríade de significados sem vir a ser jamais esgotada completamente por um deles”.

Outro ponto teórico a destacar do pensamento bakhtiniano é referente às classificações dadas pelo teórico da linguagem a respeito da palavra na obra *Estética da Criação Verbal* (2003). Ele defende que para o sujeito falante a palavra existirá sob três aspectos: Palavra neutra; Palavra alheia; Palavra Minha.

Em relação ao primeiro aspecto o grande destaque é para a questão da palavra como não pertencente a ninguém, ou melhor, como aquilo que está virtualmente disponível no sistema da língua. Isso leva Bakhtin (2003, p. 290) a defender que “As palavras não são de ninguém, em si mesmas nada valorizam, mas podem abastecer qualquer falante e os juízos de valor mais diversos e diametralmente opostos dos falantes”. Com base nesse teórico afirmamos que a palavra sai da neutralidade no momento em que entra em contato com as condições reais da comunicação discursiva, além de possuir um ou mais destinatário, porque ela passa a significar-se e a adquirir juízos de valor de acordo com uma situação real de uso em que está imersa.

Ao discorrer sobre a “palavra alheia”, segundo aspecto apresentado, Bakhtin (2003) apresenta a característica essencial de ela ser eco de outros enunciados/discursos, em outros termos, as palavras, os discursos estão sempre em relação dialógica com as palavras dos outros (alheias). Fica colocado assim, pelas proposições do teórico russo, que o sujeito falante não é um Adão Bíblico, cuja capacidade de nomear objetos virgens seja uma propriedade intrínseca, porque o seu discurso estará sempre em contato com o discurso do outro, com posicionamentos que podem ser iguais ou diferentes dos seus.

Entretanto, isso não invalida o sujeito falante de apropriar-se e transformar as palavras alheias em palavras próprias, o que acontece, nesse caso, é a palavra aparecendo como uma ressignificação advinda de uma situação de comunicação discursiva, de uma intenção discursiva determinada e repleta de expressividade. Isso mostra que a palavra alheia e a palavra minha

são expressivas pelo fato do sujeito colocá-las em contato com a realidade concreta, e, portanto, viva da comunicação. Elas saem da neutralidade, do convencionalismo e adquirem a peculiaridade própria de todo enunciado: ser um elemento expressivo.

Análise

Para ilustrar as propriedades da palavra, utilizamos uma publicidade veiculada no interior da revista *Capricho* (Edição 1067, 29/03/2009). Tal exemplo foi retirado de um arquivo de pesquisa composto por revistas *Capricho*, um veículo de comunicação direcionado ao público adolescente feminino.

Em primeiro lugar destacamos que as quatro propriedades da palavra trabalhadas por Stella (2005) - pureza semiótica, interiorização, participação em todo ato consciente e neutralidade - estão pautadas no pensamento desenvolvido por Bakhtin ao longo de suas produções teóricas. Tais propriedades são apresentadas, didaticamente, de forma separada, todavia cabe destacar que elas estão interligadas entre si para garantir a compreensão do discurso.

A palavra “descolada” foi a escolhida para a exemplificação. Antes de apresentá-la inserida no gênero publicidade, iremos analisá-la no âmbito da *pureza semiótica*. Buscamos na versão impressa do dicionário Aurélio, a definição para este vocábulo, entretanto no dicionário encontramos somente o verbete “descolar” . Dessa forma, cabe sublinhar que o vocábulo “descolada” é o particípio desse verbo. Os particípios concordam em gênero e número porque acompanham as flexões do elemento substantivo a que se referem, além de comportarem a função de adjetivos.

Abaixo apresentamos as acepções encontradas para o verbete descolar:

[De des- + colar.]

1. Desligar, despegar (aquilo que estava colado).
2. Bras. Gír. Conseguir, obter, arranjar.
3. Bras. Gír. Conseguir, arranjar.
4. Puxar, arrancar, tirar.
5. Separar-se, afastar-se, despegar-se, descolar-se.
6. Decolar, despegar-se.
7. Descolar (5)

Isso posto, observamos que tal palavra possui traços estáveis de significação o que garante o seu funcionamento e circulação em diversas esferas sócio-ideológicas. Aqui se percebe a natureza abstrata da significação porque ela é um 'potencial', uma 'possibilidade de produzir sentidos no interior de um tema concreto (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1999, p. 131). Quanto à *interiorização* temos estabelecido o embate entre as palavras da consciência com as palavras exteriores, com aquelas que circulam no contexto da realidade viva. Remetendo ao nosso objeto de análise, um anúncio publicitário, temos a seguinte formulação: "*Pra quem é descolada!*". Nesse espaço a palavra está propensa a novas significações, quer dizer, no momento em que o sujeito, no caso em específico, a adolescente entra em contato com essa palavra um confronto entre sentidos interna e externamente circulantes é travado. A garota passa a entender o signo "descolada", não somente a partir do seu 'sentido potencial' mas também a partir das condições sociais e ideológicas do contexto pós-moderno e midiático. Desse modo o sentido da palavra insere-se num processo enunciativo dinâmico e repleto de historicidade no qual o tema desse signo aparece caracterizado com os valores de inovação, de irreverência e desapego a padrões conservadores ligados, no caso da publicidade, aos modos de se vestir, de modo que somente o tema tem a capacidade determinada de significar porque se refere a um momento histórico e a uma situação específica (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1999, p. 131). E em razão disso as significações ideológicas correspondem ao discurso moderno e *teen*, no qual os sujeitos passam por constantes transformações e precisam ser "descolados", ter comportamento sociável, serem sofisticados e atentos a novidades presentes no mundo "*fashion*" da moda jovem. A garota (sujeito interlocutor) chega ao tema da palavra "descolada" que corresponde a ser moderna e atual, por sua vez, deve se opor a tudo o que é velho e conservador, ou seja, ela não pode estar 'colada' a elementos tradicionais.

Stella enfatiza que "o resultado do confronto entre os significados conhecidos pela consciência e o sentido construído no intuito comunicativo do locutor leva a um novo ponto de vista sobre o signo, instaurado na consciência" (2005, p. 186). Quer dizer que aos significados estáveis que o interlocutor possui a respeito da palavra "descolada" faz-se necessário relacioná-los aos sentidos de modernidade, de inovação etc. É desse modo que a palavra participa em um

ato consciente, os sentidos possíveis e os valores sociais emergem da maneira que o locutor, nesse caso o publicitário, trabalha com ela no discurso.

Sob a perspectiva da *neutralidade* a palavra “descolada” equivale a um elemento presente no sistema virtual da língua e por isso é impessoal, não se dirige a ninguém, está descontextualizada. Contudo quando orientada a uma situação real de comunicação discursiva (anúncio publicitário), a sujeitos determinados socialmente (as adolescentes) e entra em contato com as condições reais de produção (a pós-modernidade) novos juízos de valor são conferidos a essa palavra. Ela perde as características da neutralidade para adquirir uma função ideológica porque está imersa em um enunciado concreto.

Considerações Finais

No decorrer desse artigo desenvolvemos nosso objetivo de traçar algumas reflexões teóricas e, em certa medida, metodológicas a respeito do conceito de palavra na concepção trabalhada por Bakhtin e seu *Círculo*. Com base em suas formulações, podemos assegurar que esse conceito não pode ser encarado somente como um item lexical e virtual, mas sim como um elemento que possui uma dimensão ampla e de configuração discursiva.

A palavra faz parte do processo de interação estabelecido entre os sujeitos falantes, por essa razão ela pode ser caracterizada como dialógica. Quando inserida em situações reais de comunicação ela adquire um valor ideológico, ou melhor, ao conectar-se com a realidade viva a palavra revela sua historicidade, dessa maneira Bakhtin/Volochinov (1999, p. 122) asseveram que “toda palavra é ideológica”.

Na análise vimos que as propriedades da palavra podem ser compreendidas e relacionadas, também, ao nível do discurso. Isso é possível porque no âmbito da construção dos sentidos deve-se levar em conta as potencialidades e as formas específicas que cada signo, por sua vez, ideológico, assume ao remeter-se a contextos que envolvem os sujeitos em interação na cadeia real da comunicação discursiva.

Equivale afirmar que a palavra é concebida a partir de uma contextualização histórico-social e, portanto, tomá-la como um elemento lingüístico isolado não está de acordo com a perspectiva de linguagem defendida por Bakhtin e seu *Círculo*.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M. Os Gêneros do Discurso. In: _____ *Estética da Criação Verbal*. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M; VOLOCHÍNOV, V.N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1999.

BORBA, Francisco da Silva. A estrutura lingüística. In: _____ *Introdução aos Estudos Lingüísticos*. 8.ed. São Paulo: Editora Nacional, 1984, pp. 29-44.

CEREJA, W. Significação e Tema. In: BRAIT, B (org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005, pp. 201-220.

CLARK, K; HOLQUIST, M. O Marxismo e a Filosofia da Linguagem. In: _____ *Mikhail Bakhtin*. Trad. de J. Guinshuy. São Paulo: Perspectiva, 2004. pp. 233-255

DIAS, L. F. Significação e Forma Lingüística na visão de Bakhtin. In: BRAIT, B. (org) *Bakhtin: dialogismo e construção do sentido*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005, pp. 99-107.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004, p. 636.

STELLA, Paulo Rogério. Palavra. In: BRAIT, B. (org). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005, pp. 177-190.